

## Os judeus da Beira interior: a comuna de Trancoso e a entrada da Inquisição \*

Maria José Ferro Tavares \*\*  
Lisboa

### AS RELAÇÕES COM OS CRISTÃOS VELHOS E A VIVÊNCIA CRISTÃ

As relações entre as duas comunidades devem ser vistas horizontalmente, pela pertença ao mesmo estrato social, que se traduzia em igualdade de tratamento, comportamento e exteriorização do status, e na vertical, numa situação de mando, quer em relação a cristãos velhos (criados, serviçais, amas, escravos) quer em relação aos cristãos novos mais pobres e homens de ofícios. O poder também se reflectia, como veremos, na habitação própria, por vezes, uma casa com torre, localizada nos espaços mais ricos do concelho, ou pelo senhorio de quintas e outras propriedades rurais, em que a agricultura se associava à criação de gado. Completava a economia do agregado familiar o empréstimo de dinheiro e os arrendamentos de impostos e direitos reais, municipais ou eclesiásticos. O estatuto social definia-se pela educação, a frequência da universidade ou os estudos básicos de gramática e de aritmética, completados, em alguns casos, pelo estudo da música e do canto, que permitia a alguns deles terem biblioteca nas suas habitações e saberem tocar instrumentos musicais.

As mulheres mais ricas dedicavam-se a cuidar da casa, vigiando a criadagem e os filhos, bordando e fiando, por vezes, trabalhando na sua tenda aberta, junto da casa. Lucrecia Nunes fazia bolsinhas de veludo, tendo, quando viveu em Lisboa e frequentou a corte, vendido umas à rainha D. Catarina. Vestiam tecidos caros e adornavam-se, nomeadamente nos dias das festas e do descanso, quer judaicos, quer cristãos. Era com algum orgulho que algumas das cristãs novas, como Filipa Lopes ou Ana Rodrigues <sup>119</sup>, afirmavam serem ricas e abastadas,

---

\* LOS JUDÍOS DE LA BEIRA INTERIOR: LA ALJAMA DE TRANCOSO Y LA ENTRADA DE LA INQUISICIÓN (FINAL) (*The Jews in the Beira Interior: The Trancoso Comuna and the Coming of the Inquisition* [Close]).—Continuación de *Sef* 68 (2008), 369-411.

\*\* mariajosetavares@gmail.com

<sup>119</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238 e 8918, respectivamente.

senhoras de escravos que lhes faziam os trabalhos domésticos, como matar aves, limpar a casa, fazer as refeições, pelo que não podiam ser acusadas de degolar galinhas ao modo judaico, fazer as limpezas à sexta-feira ou não cozinharem animais proibidos, como o porco. Apenas a viuvez as fazia declararem-se pobres, sem criados e sem possibilidade de comer carne.

A riqueza de Guiomar Lopes, mulher de Francisco Barroso, memposteiro de Bragança, e filha de João Rodrigues Ferro, estava patente num feito entre Francisco Barroso e Diogo Álvares, mercador, seu genro, que se encontrava preso, acusado de lhes ter roubado vários bens, entre os quais 60 libras de seda fina, no valor de 300 cruzados de ouro cada libra, uma taça de bastiães que pesava 5 000 reais com o nome Guiomar no fundo, 45 lençóis novos de lenço delgado, 31 toalhas novas francesas de mesa, 20 almofadas bordadas, 8 travesseiros de Holanda bordados, 12 toalhas bordadas, 2 panos de armar, um cofre cheio de jóias de ouro e prata no valor de 500 cruzados, colheres de prata, etc. A querela familiar terminou com o compromisso de Diogo Álvares dar à mulher, Filipa da Graça, um dote de 140 000 reais e sustentar a sogra quando esta enviuvasse <sup>120</sup>.

Mas não era só a posse de livros e a convivência com a gente grada do concelho que indicava o estatuto social de algumas famílias da ex-minoria judaica. Alguns afirmavam-se honrados e particularizavam a sua posição no município pelo facto de poderem ser eleitos para os cargos do concelho, tal como declarava o licenciado João Luís Medina, físico, perante os inquisidores, ou Violante Henriques, em relação ao marido, o tabelião e mercador Pedro Gonçalves, que desempenhara cargos na governação do concelho <sup>121</sup>. Integrados na vida municipal, não hesitavam em participar com os cristãos velhos na revolta da população contra a doação de Trancoso ao infante D. Fernando, sendo presos por tal razão juntamente com muita gente honrada do concelho <sup>122</sup>. Cristãos velhos e cristãos novos gladiavam-se entre si pelos cargos municipais, tendo o grupo daqueles, encabeçado por João Gomes conseguido que os cristãos novos não ocupassem os cargos nem fossem corregedores, excepto se fossem eleitos, enquanto João Luís Medina alcançara na corte um documento que lhes permitia serem eleitos.

Segundo alguns testemunhos, quer de cristãos velhos, quer de cristãos novos, pessoas gradas de Trancoso, havia bandos de uma e outra parte pelo domínio do poder do concelho, aparecendo alguns deles mistos. Pelas contraditas apre-

---

<sup>120</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238.

<sup>121</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305 e nº 8865, respectivamente.

<sup>122</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 3271.

sentadas contra alguns acusadores, depreendemos a rivalidade entre pessoas do mesmo estatuto social, profissão ou o ódio ao rendeiro que lhe ficou com as propriedades por dívida. Aliás Pedro Afonso, cristão velho, tabelião de Trancoso, no depoimento que fez não esqueceria de dizer contra Jerónimo Afonso, denunciante dos cristãos novos da vila, que este lhes queria mal porque era mercador e se sentia prejudicado pela existência de tantos mercadores no concelho que, ainda por cima, eram cristãos novos <sup>123</sup>.

Para além das ligações à comunidade cristã nova, alguns membros desta apresentavam como testemunhas abonatórias da sua vida cristã, membros da oligarquia municipal ou do clero local, alguns dos quais acabariam por ser seus acusadores através do «ouvir dizer a outrem». Francisco Carlos indicou como testemunhas de defesa, entre outros, o arcepreste António Carvalho, abade de S. Miguel, Diogo Borges, abade de S. João, Diogo de Matos, cura de S. Pedro, João Frade, cura da igreja de S. João, António Gil, cura de S. Tiago, Jorge Carvalho, padre de Sta. Maria, António Saraiva, juiz dos órfãos, entre outros <sup>124</sup>.

António Fonseca, cavaleiro fidalgo da casa real, morador em Trancoso, era compadre do tabelião João da Fonseca, de quem era amigo, preso na Inquisição por práticas e crenças judaicas. João da Fonseca Saraiva, igualmente cavaleiro da casa real e residente no concelho, declarava-se seu compadre e amigo <sup>125</sup>. Aliás, Francisco Carlos era tido por homem honrado que convivia com as pessoas gradas da vila, acompanhando-as na caça. João Frade, clérigo e capelão da igreja de S. João de Vila Nova, apresentava-se como seu compadre, e depunha a seu favor e declarando que ele era seu freguês e bom cristão <sup>126</sup>. Também mestre Manuel frequentava a igreja de S. João de Vila Nova, ia à missa de Nossa Senhora do Rosário a S. Pedro e às missas na igreja da Misericórdia, para além de acompanhar o Santíssimo Sacramento quando ia ser levado aos enfermos <sup>127</sup>. Simão Saraiva da Fonseca, cavaleiro fidalgo, testemunhou a favor do licenciado João Luís Medina, declarando tê-lo por bom cristão e conhecê-lo bem porque ambos eram parceiros nas rendas, pelo que quando viajavam juntos este comia porco e trabalhava ao sábado. O mesmo aconteceu com Rodrigo Cardoso, cavaleiro fidalgo, que acrescentaria ser o “réu” um dos principais da vila <sup>128</sup>.

<sup>123</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305.

<sup>124</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9890.

<sup>125</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5995.

<sup>126</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9890.

<sup>127</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 11 285.

<sup>128</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305.

Também as testemunhas abonatórias de Filipa Lopes eram suas vizinhas como o cavaleiro fidalgo Domingos Cardoso, ou conheciam-na pela sua riqueza em vida do marido, Bernardo Lopes, ou por frequentarem a mesma igreja e serem confrades das mesmas confrarias <sup>129</sup>.

Às freguesias de S. João, primeiro, e de S. Pedro, depois, e às respectivas confrarias pertencia o licenciado João Luís Medina que acrescentava às confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, na igreja de S. Pedro, ou à Misericórdia de Trancoso, a de Nossa Senhora de Guadalupe e a de Nossa Senhora da Graça, talvez em Lisboa <sup>130</sup>. A estas juntavam-se, ainda em Trancoso, a confraria da Misericórdia, a de S. Sebastião e a do Espírito Santo de S. João de Vila Nova <sup>131</sup>, esta última criada no início do século XVI <sup>132</sup>, e tida como preferida pelos cristãos novos para acompanhar os seus mortos em vez da Misericórdia, como faziam os cristãos velhos. A seguir a S. João de Vila Nova, a outra igreja preferida para sepultura pelos cristãos novos era a de S. Miguel, «porque era igreja nova» <sup>133</sup>, segundo afirmaram alguns moradores nos autos de diligência ordenados pela Inquisição de Évora <sup>134</sup>. Frequentavam as romarias de Nossa Senhora da Ribeira, de Nossa Senhora dos Açores, de Nossa Senhora de Aguiar, etc. O tabelião João da Fonseca era acusado de ser o mordomo da confraria do Espírito Santo, confraria onde, segundo os cristãos velhos, os cristãos novos se faziam sepultar em covas virgens, para além das confrarias de Nossa Senhora do Rosário e de S. Sebastião <sup>135</sup>. Violante Henriques apresentava como comprovativo dos seus sentimentos de boa cristã a pertença às confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Estrela, entre outras em que estava inscrita e a que dava esmolas <sup>136</sup>.

<sup>129</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238.

<sup>130</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305. Lopo Dias era confrade da confraria de Nossa Senhora da Graça em Lisboa (TT, *Inquisição de Évora*, nº 3271). Sabemos que existia uma imagem de Nossa Senhora da Graça num nicho à direita de quem entrava na vila pela porta do Carvalho, a norte na muralha de Trancoso («Trancoso», in TT, *Dicionário Geográfico*, vol. 43, p. 413).

<sup>131</sup> No *Dicionário Geográfico*, podemos ler que contígua à igreja de S. João se encontrava uma capela com um altar da invocação do Espírito Santo (Ibíd., p. 421)

<sup>132</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7896.

<sup>133</sup> A igreja de S. Miguel era a mais antiga matriz de Trancoso, ficando no interior da cerca velha. Esta referência poderia querer indicar a reconstrução recente do templo ou a sua pouca utilização, devido a um abandono da parte antiga da vila em proveito da zona nova e das suas igrejas, no exterior da cerca velha, como aconteceu, durante o século XIV e XV, noutros concelhos, devido ao despovoamento provocado pelas pestes e pelas guerras (TT, *Dicionário Geográfico*, vol. 43, pp. 420 e 426).

<sup>134</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7896, 5995

<sup>135</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5995.

<sup>136</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 8865.

Apesar da frequência das igrejas, nem todos se encontravam catequizados, sabendo dizer as orações ou persignar-se. Tal aconteceu com Filipa Lopes, cristã nova com cerca de 80 anos que apenas sabia dizer o Pai-Nosso ou Clara Nunes, por exemplo <sup>137</sup>. A maioria não sabia persignar-se e tinha dificuldade em recitar a Ave-Maria, a Salve Rainha e o Credo. Outros sabiam dizê-las em português e em latim, como Branca Rodrigues, natural de Marialva e casada em Trancoso com o sapateiro João Dias, que seria absolvida das acusações de judaísmo <sup>138</sup>.

As famílias eram numerosas, apresentando um número elevado de filhos que atingiam a idade adulta e iniciavam um novo agregado familiar, independentemente do estrato social, como o casal Francisco Carlos e Maria Draga, com 8 filhos <sup>139</sup>, o sapateiro André Gonçalves que tinha 11 filhos, dois rapazes e 9 raparigas <sup>140</sup>, o almocreve Lopo Dias, casado com Leonor Fernandes, pai de oito filhos <sup>141</sup>, ou o casal João Luís Medina, médico, e Lucrecia Rodrigues, progenitores de 7 filhos, cujas idades oscilavam entre os 20 e os 2 anos <sup>142</sup>, por exemplo. Casavam entre si, estendendo os laços familiares a comunidades próximas, como a Guarda, Pinhel, Celorico, Marialva, Fundão, Covilhã ou um pouco mais longe, como Bragança. Para além da endogamia, os cristãos novos de Trancoso procuravam maridos para as suas filhas entre membros do mesmo ofício, ofício que, também, era continuado pelos filhos. Raras vezes nos aparecem casais estéreis ou sem filhos vivos. Vejamos alguns exemplos.

Filipa Lopes tinha cerca de 80 anos, quando foi presa por praticar actos contra a religião cristã, apesar de ter recebido o baptismo. Casara em Bragança com Bernardo Lopes, escudeiro e afilhado de D. Manuel. Seu pai, Henrique Nogueira, era natural de Trancoso e sua mãe, Isabel Soares, de Bragança. Ambos faleceram cristãos e foram enterrados na igreja de S. João, templo que dizia frequentar. O pai fora mercador, tal como era o irmão Jorge Rodrigues, que acumulava com os arrendamentos das rendas, pelo que andava a maior parte do tempo fora de Trancoso. Era tia de Guiomar Lopes, casada com Bernardo Lopes, residentes em Bragança. A restante família próxima já tinha falecido. Declarou não ter filhos, desconhecendo nós se já não os tinha vivos ou se nunca os tivera ou se ausentaram

---

<sup>137</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238 e 8855.

<sup>138</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 8511.

<sup>139</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7491. As idades dos filhos oscilavam entre os 22, a mais velha, e 1 ano, o mais pequeno.

<sup>140</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>141</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 3271.

<sup>142</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305.

do reino. Sabemos pelo decurso das informações contidas nos processos que casamentos das suas irmãs a tinham ligado aos Ferro e aos Drago<sup>143</sup>.

Também Ana Rodrigues, mulher de Pedro Henriques, estava relacionada com os Carlos, por via do casamento de sua irmã Catarina Rodrigues com Manuel Carlos. Outra irmã, Isabel do Vale, era mulher do mercador e siseiro Simão Garcia, enquanto a outra irmã, Beatriz Rodrigues, tinha como marido Jácome Rodrigues Beselga. Todas elas e a respectiva mãe, Mécia do Vale, e o irmão, Belchior Rodrigues, costumavam reunir-se aos sábados em casa de Manuel Carlos, onde constava fazer-se «sinagoga». Outra Ana Rodrigues, viúva de Francisco Rodrigues, tabelião, casaria uma das filhas com Fernão Lopes Ferro, e a outra, Catarina Soares, com Bernardo Ferro<sup>144</sup>.

Ana Seixas era mãe de Manuel Henriques, rico mercador que negociava em panos de Flandres, o qual estava casado com uma irmã do Licenciado Medina, e de Jusarte Nunes que casara com Ana Nunes<sup>145</sup>. O casal Francisco Rodrigues, tabelião / Ana Rodrigues tinha as duas filhas casadas com Fernão Lopes Ferro e Bernardo Ferro, filhos de João Rodrigues Ferro<sup>146</sup>, uma outra casada com Simão Peixoto, tratante e siseiro, residente na Covilhã, enquanto o filho, Jorge Francisco, se consorciara com uma filha de Diogo Pinheiro. Era tia do Licenciado Medina<sup>147</sup>.

Por sua vez o sapateiro André Gonçalves tinha uma família numerosa, com 11 filhos, entre os 35 anos de idade, o mais velho, e as mais novas, ainda crianças. Os dois filhos mais velhos eram sapateiros como o pai e estavam casados. O mesmo acontecia com as filhas: uma casara com um almocreve e partira para Espanha, residindo em Placência, a outra estava casada com um sapateiro, o mesmo acontecendo com uma terceira que estava noiva de um jovem do mesmo ofício. Todos os filhos residiam ou tinham residido em Trancoso. É curioso, que na enumeração das filhas, André Gonçalves utilizava os diminutivos: Isabelinha, Branquinha, Morzinha, Filipinha<sup>148</sup>.

Muitos destes cristãos novos eram pessoas honradas e ricas. No entanto, quando presos, declaravam-se pobres. Tal aconteceu com Manuel Ferro, filho

---

<sup>143</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238.

<sup>144</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>145</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>146</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>147</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 8918, procº de Ana Rodrigues, viúva de rabi Iça, físico (1º casamento) e de Francisco Rodrigues, tabelião (2º casamento).

<sup>148</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

menor de Filipa Rodrigues e de Fernão Lopes Ferro, ambos presos, que se recusou a defender a memória da avó, falecida no cárcere da inquisição de Évora, declarando-se «muito pobre», assim como os seus pais<sup>149</sup>, o que nos pode fazer supor que a prisão destas famílias acarretara a queda em pobreza dos familiares em liberdade, alguns deles deslocados para Évora, a fim de sustentarem o processo dos que se encontravam presos. Sabemos que os bens de Ana Rodrigues, as casas próprias que tinha em Trancoso, foram vendidas para continuar o processo, apesar de morta. Com o mesmo fim foi utilizada a quantia de 2 800 reais que ela levava consigo para a cadeia. Sentindo a morte aproximar-se, Ana Rodrigues fizera testamento onde declarava querer ser sepultada na sé de Évora, deixando dinheiro para que lhe rezassem 6 missas por alma e dinheiro para as confrarias do Santíssimo Sacramento, de S. João, Sta. Maria e da Cruz. Legava à filha Filipa Rodrigues, também presa, a casa com torre que era de sua terça e estava contígua à sua residência, assim como ao genro Fernão Lopes Ferro, também preso, a quantia de 2 800 reais que trouxera de Trancoso<sup>150</sup>.

As habitações eram constituídas por uma casa térrea ou dianteira e por um primeiro piso, onde se dispunham uma ou mais câmaras ou quartos de dormir, por vezes, também, escritório de trabalho, de que é exemplo a casa de João Luís Medina<sup>151</sup>. Outras vezes, a casa era no primeiro piso para onde se subia por uma escada a que se acedia pela porta da rua. Às vezes tinham ainda um sótão ou um quarto esconso. As casas correspondiam umas com as outras, o que faria alguns testemunhos cristãos velhos afirmarem que elas tinham «buracos» que as faziam comunicar umas com as outras, para que os cristãos novos pudessem ter as suas práticas judaicas sem serem observados por estranhos. Talvez por isso, o licenciado Medina fora questionado sobre a porta que comunicava com a porta da casa de Marcos Dias, tendo respondido que servia para as crianças e as mulheres comunicarem umas com as outras sem irem pela rua ou para ele ir ver algum doente.

Os cristãos novos distribuía-se pelas freguesias de S. João de Vila Nova, S. Pedro, Sta. Maria de Guimarães, S. Tiago e Sta. Maria do Sepulcro, esta última, extra-muros. Baptizados tinham-se espalhado por espaços que, outrora, eram apenas habitados por cristãos, embora a sua presença fosse predominante na zona do antigo bairro judaico, agora designado Vila Nova. As informações sobre a rua ou travessa em que moravam são vagas e de difícil localização na nova topografia urbana de Trancoso. Já mais frequente era a indicação da fre-

---

<sup>149</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 8918.

<sup>150</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 8918.

<sup>151</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 5305.

guesia. Lucrecia Nunes, mulher de mestre Manuel, Duarte Gonçalves, sapateiro, Bartolomeu Fernandes, sapateiro, vizinho deste último, Leonor Mendes, viúva de Jorge Henriques, mercador, Jorge Fernandes, mercador, e a filha de Diogo Pinheiro, casada com o licenciado Luís (ou Pedro) Gomes pertenciam à freguesia de Sta. Maria do Sepulcro, pelo que podemos supor que as suas casas ficariam na proximidade da porta de S. João.

Assim, sabemos que alguns residiam:

– na Corredoura, como o tendeiro Manuel Dias e sua mulher Leonor de Sousa, que moravam onde se fechava toda a judiaria, o cirurgião mestre António e sua mulher Brites Lopes, Isabel Lopes, mulher de Simão Lopes, Isabel Lopes, «a menoa», mãe do tabelião João da Fonseca, sua neta Maria da Fonseca, casada com Manuel Pinheiro, Leonor Nunes e Diogo Pinheiro, mercador, seu marido. Na Corredoura, Francisco Lopes tinha um forno de cozer pão, frequentado pela maioria dos cristãos novos;

– ou perto da Corredoura («à Corredoura» (na Praça?)), como Manuel Henriques, rico mercador que negociava em panos da Flandres, cunhado do Licenciado Medina, e Jusarte Nunes,

– à porta da Corredoura como Simona Lopes, viúva de um mercador cristão novo;

– abaixo da Corredoura, defronte de Manuel Henriques, como Beatriz Nunes, viúva de Jusarte Nunes, sua cunhada,

– na Rua Direita (Corredoura?), residiam quase todos os cristãos novos, misturados com alguns tendeiros cristãos velhos, como Ana do Vale, irmã de Francisco e Manuel Carlos,

– à porta d’el-rei, como Diogo Fernandes, almocreve e mercador,

– na Praça <sup>152</sup>, junto ao relógio, como o mercador Diogo Fernandes e sua mulher Ana Gomes, o mercador João Fernandes, Branca Lopes, viúva de Martim Rodrigues, mercador,

– na rua que ia para Sta. Maria de Guimarães, como os sapateiros Antão Gonçalves e Manuel Lopes,

– na Rua da Cadeia, como Branca Rodrigues, Filipa Fernandes ou Gracia Fernandes, casada com Francisco Rodrigues, cavaleiro em Arzila, António Dias, mercador,

– junto de S. Tiago, a par da rua da Cadeia, como Francisco Carlos e Maria Draga, sua mulher,

– «nas costas de S. Tiago», como Jorge Dias, casado com Simona Fernandes, a sua irmã e Isabel Lopes, «a terrapala»,

<sup>152</sup> A Praça iniciava-se junto ao adro da Misericórdia.

– na Rua de S. Tiago, como os Feijó, João Lopes Feijó e sua mulher Beatriz Feijó e filhos, o mercador Vasco Rodrigues e Lucrecia Feijó, o sapateiro João Dias, Francisco Gonçalves, filho de André Gonçalves, que residia numas casas de Lopo Dias, cristão novo, António Gonçalves, sapateiro, seu irmão, Francisca Gonçalves, casada com Gonçalo Lopes que fora sapateiro e se tornou tratante,

– ou junto a esta como o mercador Henrique Lopes e a sua família,

– ou na Rua de S. Tiago para os álamos, como o sapateiro Jorge Dias, o «negrote»,

– na Rua Chã (freguesia de S. João da Vila Nova), como Beatriz Fernandes, casada com o carnicheiro Francisco Rodrigues, ou Bernardo Lopes,

– ou na Rua dos Vales, como Filipa Rodrigues, «a manca», mulher de Fernão Lopes Ferro,

– na Rua de Gonçalo Nogueira, como Violante Gomes, viúva de Lopo Martins, mercador,

– na Rua dos Ferreiros, como Diogo Fernandes, «o diaguilho», almocreve <sup>153</sup>.

Residiam próximo uns dos outros. Isabel de Medina era vizinha de Ana Rodrigues, sua prima; Catarina Soares e o marido Bernardo Ferro eram vizinhos do licenciado João Luís Medina e a casa deste era junta com a de Ana Rodrigues, viúva do tabelião Francisco Rodrigues; Jorge Francisco morava ao lado de Clara Pinheiro, filha de Diogo Pinheiro; Fernão Lopes Ferro residia em casa contígua à de Manuel Álvares; Beatriz Nunes e o marido Jusarte Nunes residiam defronte do irmão deste, Manuel Henriques, «abaixo da Corredoura»; André Gonçalves sapateiro e denunciante de quase toda a comunidade era vizinho de Manuel Carlos. Observava facilmente as idas e vindas ao sábado ou aos dias das festas judaicas a casa deste, uma vez que tinha por hábito coser os sapatos, sentado à porta de sua casa.

A Praça da vila era um local de encontro entre os membros das duas comunidades que, neste espaço e noutras ruas, vizinhavam. Filipa Lopes era vizinha de Domingos Cardoso, cavaleiro fidalgo de Trancoso, residindo ambos na freguesia de S. João de Vila Nova <sup>154</sup>. Branca Dias morava ao lado de Cristóvão de Melo <sup>155</sup>.

O topónimo Rua Nova apareceria mencionado no século seguinte, assim como a igreja de S. João extra-muros <sup>156</sup>.

<sup>153</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512, 7491, 6136, 6346, 11318.

<sup>154</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 9238.

<sup>155</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>156</sup> TT, *Inquisição de Coimbra*, nº 1437.

Sapateiros, alfaiates, mercadores, tratantes, siseiros, rendeiros, tendeiros, médicos, tabeliães, os cristãos novos desenvolviam actividades a que nem as mulheres se eximiam. Estas cardavam, fiavam e dobavam barbilho de seda ou linho, costuravam bolsinhas para as senhoras como Lucrecia Nunes, fiavam mantas nas tendas ou à porta de casa, ou eram tendeiros que vendiam especiarias, como a mulher de mestre António, cirurgião, ou alfaiatas como Ana do Vale, irmã de Francisco Carlos, para além de cuidarem dos filhos e das casas ou orientarem criadas e escravas, as mais ricas.

A riqueza exteriorizava-se no vestuário que se tornava suspeito se usado ao sábado ou noutro dia de festa judaica. Diogo Pinheiro, mercador, vestia ao sábado um tabardo preto fino com mangas e punha um barrete fino na cabeça, segundo o testemunho de André Gonçalves. O mesmo sucedia com Manuel Henriques, rico mercador de Trancoso. Já as mulheres usavam adornos que se traduziam em fitas de seda ou em toucados lavados ou enfeites ricos, se não arriscavam em usar um vestuário de festa. Outras porque viviam abastadamente não faziam grande diferença no vestuário, pois andavam diariamente com ricos adornos e bons vestidos<sup>157</sup>.

A elite cristã nova não hesitava em construir mausoléus para sepultar os seus familiares. Tal aconteceu com Francisco Rodrigues, tabelião, sogro de Fernão Lopes Ferro, que foi sepultado num «monumento de pedra» na igreja de Sta. Maria do Sepulcro, segundo o depoimento de André Gonçalves que, com Francisco Carlos e Duarte Rodrigues, «o nevoeiro», tinha procedido ao tratamento do corpo do defunto ao modo judaico<sup>158</sup>.

As relações com a raia castelhana eram privilegiadas e tinham a sua origem no facto de alguns destes cristãos novos serem descendentes de judeus castelhanos que aqui se fixaram após o édito de expulsão dos judeus pelos Reis Católicos. San Felices de los Gallegos foi a localidade de onde provieram André Gonçalves, sapateiro, João Rodrigues Ferro, escudeiro e rendeiro. Ana Rodrigues nascera em Medina del Campo. Cidade Rodrigo foi o lugar para onde fugiu o abastado mercador Diogo Pinheiro. Outros também o fizeram, como Cristóvão Fernandes e sua mulher Clara Carlos, irmã de Francisco Carlos, Duarte Lopes, «o nevoeiro», os filhos de Ana Rodrigues (Jorge Francisco, Catarina Soares e o marido Bernardo Ferro, Isabel Rodrigues e o marido Simão Peixoto). Outros procuravam a segurança e a religião em liberdade em países mais longínquos como a Itália ou a Turquia, como o pai de Pedro Mendes, marido de Ana Mendes, segundo o testemunho de André Gonçalves.

---

<sup>157</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

<sup>158</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512.

## CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão deste pequeno trabalho, podemos dizer que a entrada da Inquisição em Trancoso dispersou as famílias cristãs novas pela região, pelo reino e outras regiões da Europa e dos impérios português e espanhol, e empobreceu muitas delas, estigmatizando-as com a infâmia da prisão e da condenação a penas degradantes como o uso do hábito, ou com o confisco dos bens se condenadas à morte. Outras procuraram que algum dos seus descendentes se cruzasse com cristãos velhos. O estigma da suspeição de judaísmo iria acompanhar muitos destes, mesmo com sangue cristão velho misturado. Por vezes, nem a mudança de local de residência os afastava da suspeita de judaizarem, nem de eles em conversa entre si se declararem «judeus» ou «descendentes de judeus», exteriorizando um orgulho inato pelos seus antepassados. Alguns optariam por abandonar o reino e emigrar para a Flandres, a Itália ou, mais tarde, para Amesterdão.

A sua localização no concelho de Trancoso comprova a dispersão das famílias cristãs novas por toda a área municipal, onde avizinhavam com os cristãos velhos, sendo difícil associar o espaço das suas residências com o da antiga judiaria, que se situava nas proximidades da Corredoura e à porta del-rei, apesar de o urbanismo recente ter destruído a sua memória espacial e urbana. Tão pouco poderemos associar o seu espaço com o das portas de S. João, como alguns querem, ou com o burgo velho, como outros pretendem. Resta-nos resolver o «puzzle» da toponímia Quinhentista, para recuperarmos a topografia do concelho de Trancoso, nos tempos mais recuados, o que esperamos fazer em futuros trabalhos.

ANEXO 1. CRISTÃOS NOVOS DENUNCIADOS NA INQUISIÇÃO POR ANDRÉ <sup>159</sup>, ANTÓNIO <sup>160</sup> E DUARTE GONÇALVES <sup>161</sup>, SAPATEIROS E CRISTÃOS NOVOS DE TRANCOSO <sup>162</sup>

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
		Afonso Gomes, castelhano, mercador, casado com Catarina do Vale.
Ana, filha de Pedro Homem e de Beatriz Rodrigues.		Ana Fernandes, mulher de Jorge Luís, tendeiro.
Ana de Seixas (fal.), mãe de Manuel Henriques, rico mercador, cunhado do Licenciado Medina.	Ana de Seixas, viúva.	
Ana do Vale, irmã de Francisco Carlos	Ana do Vale, sogra de António João.	
Ana Fernandes, mulher de Jorge Luís, tendeiro.	Ana Fernandes, mulher de Jorge Luís, tendeiro.	
Ana Gomes, viúva de Diogo Fernandes, mercador; mãe de João Fernandes «pé de ginja».		Ana Gomes, mãe de Manuel Gomes, «o parido».
		Ana Guterres, mulher do licenciado Nuno Dias. Filha de Afonso Gomes e irmã da mulher de Nuno Henriques.

<sup>159</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 7512. A bold, apresentamos os cristãos novos presos na Inquisição.

<sup>160</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 11351.

<sup>161</sup> TT, *Inquisição de Évora*, nº 6346.

<sup>162</sup> Pai e filho e o primo eram sapateiros, coveiros, degoladores e distribuidores de carne cacher pelos cristãos novos de Trancoso. Por isso afirmavam que estes eram judeus, com excepção de umas três famílias. André Gonçalves sabia pregar cortinados pelo que frequentava as casas dos cristãos novos de Trancoso, mas também de Viseu, como a de António Fernandes, «o panagem», casado com Briolanja Lopes, filha de Mor Fernandes, a Rica. Uma das filhas deste estava casada em Trancoso com o filho de João da Fonseca, tabelião. A média etária dos denunciados era entre 40 e os 50 anos de idade, ou seja, pessoas que nasceram judias e receberam o baptismo em criança ou adolescentes, como os dois primos denunciantes, André e Duarte.

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Ana Mendes, mulher de Pedro Mendes, mercador.		Ana Mendes, mãe de Simão Mendes, mercador. Ausente.
Ana Nunes, filha de <b>Beatriz Nunes</b> , viúva de Jusarte Nunes, irmão de Manuel Henriques.		
Ana Rodrigues, casada com Pedro Henriques. Filha de Mécia do Vale.		
<b>Ana Rodrigues</b> , natural de Castela, viúva, mãe de <b>Filipa Rodrigues</b> , casada com Fernão Lopes Ferro, e de Catarina Soares, mulher de Bernardo Ferro.		<b>Ana Rodrigues</b> , mulher de Francisco Rodrigues, tabelião (falecido).
<b>Ana Rodrigues</b> , mulher de António João (ausente), e prima de Isabel de Medina, casada com Luís de Medina. Faleceu no cárcere.		
		Ana do Vale, casada com Luís Feijó, «o velho». Ausente.
		Ana do Vale, filha de Mestre Carlos e viúva de Pedro Manuel. Irmã de <b>Francisco Carlos</b> e de Manuel Carlos. Alfaiata.
		<b>André Gonçalves</b> , sapateiro.
Antão Gonçalves, sapateiro, pai de Manuel Lopes, sapateiro.	Antão Gonçalves, sapateiro.	Antão Gonçalves, sapateiro.
Mestre António, cirurgião, casado com Beatriz Lopes.		Mestre António, cirurgião e mercador de panos, casado com Beatriz Lopes, tendeira.
	António Dias, mercador.	António Dias, mercador.
		António Fernandes, sapateiro, casado com <b>Justa Rodrigues</b> .
		<b>António Gonçalves</b> , sapateiro, filho de <b>André Gonçalves</b> .

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
António João, mercador (ausente).		António João, mercador, casado com Ana Rodrigues, filha de Ana do Vale.
		António Luís, irmão do <b>licenciado Medina</b> e de Francisco Luís.
		Artur Fernandes, curtidor e sapateiro (falecido).
	Bartolomeu Fernandes, sapateiro.	Bartolomeu Fernandes, casado com Isabel Gonçalves.
Belchior Rodrigues, filho de Mécia do Vale.		
Bernardo Ferro, filho de <b>João Rodrigues Ferro</b> .		Bernardo Ferro, casado com Catarina Soares. Rendeiro.
	Bernardo Lopes, que foi sapateiro.	Bernardo Lopes, carnicheiro.
Branca Dias, casada com Heitor Lopes, «o Cavaleiro», tosador.		
Branca Fernandes, filha de Jorge Luís, e mulher de António Fernandes, mercador.	Branca Fernandes.	
	Branca Gomes (falecida), primeira mulher de <b>António Gonçalves</b> , sapateiro.	Branca Gomes (falecida), mulher de <b>António Gonçalves</b> , sapateiro.
Branca Gonçalves, mulher de Manuel Gonçalves «o pequenino» e mãe de Beatriz Lopes, mulher de mestre António, cirurgião.		
Beatriz Feijó, viúva de João Lopes. Mãe de Fernão Lopes e de Diogo Feijó.		
Beatriz Feijó, irmã de Lucrecia Feijó e de Clara Rodrigues.		
Beatriz Fernandes, mulher de Lopo Fonseca, filho de João Fonseca, mercador. Filha de António Fernandes, «o panagem», morador em Viseu.		
		<b>Beatriz Fernandes</b> , mulher de Francisco Rodrigues, carnicheiro.

## ANDRÉ GONÇALVES

## ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»

## DUARTE GONÇALVES

Beatriz Lopes, mulher de mestre António, cirurgião. Filha de Manuel Gonçalves, «o pequenino», e de Branca Gonçalves.		
Beatriz Nunes, viúva de Jusarte Nunes. Mãe de Ana Nunes.	Beatriz Nunes.	
<b>Beatriz Rodrigues</b> , mulher de Pedro Homem. Mãe de Duarte Rodrigues, de Ana e de Joana.		
	Brás Afonso, rendeiro.	Brás Afonso, mercador.
		Mestre Carlos, falecido. Pai de <b>Francisco Carlos</b> e de Manuel Carlos.
Catarina Cardosa, a velha.	Catarina Cardosa, a velha.	
	Catarina do Vale.	
Catarina Rodrigues (ou Fernandes), mulher de António Rodrigues. Filha de Ana Fernandes e de Jorge Luís.		
Catarina Rodrigues, mulher de Manuel Carlos, irmão de <b>Francisco Carlos</b> . Filha de Mécia do Vale.		
Catarina Lopes, casada com Henrique Lopes, mercador. Filha de Isabel Rodrigues.		
Catarina Soares, mulher de Bernardo Ferro.		
<b>Clara Nunes</b> , a cega, nora de Isabel de Almeida.		
Clara Rodrigues, irmã de Lucrecia Feijó, mulher de Vasco Rodrigues, mercador, e de Beatriz Feijó.		
Clara Rodrigues, mãe de Luís Feijó, «o pequeno», casado com Inês Fernandes.		Clara Rodrigues, irmã de Luís Feijó, «o velho». Mãe de Luís Feijó, «o pequenino».
Cristóvão Fernandes, mercador, casado com Clara Carlos, irmã de <b>Francisco Carlos</b> . Ausente em Castela com a família.		Cristóvão Fernandes, alfaiate, casado com Branca ( <i>sic</i> ) Clara Carlos, irmã de <b>Francisco Carlos</b> . Ausentes.

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Diogo Feijó, filho de Beatriz Feijó, viúva de João Lopes. Irmão de Fernão Lopes.		Diogo Fernandes, almocreve e mercador.
		Diogo Fernandes, alfaiate.
		Diogo Fernandes, ferreiro.
	Diogo Fernandes, «o diaguilho», almocreve.	
	Diogo Ferreira, sapateiro.	
	Diogo Pinheiro, mercador. Ausente.	Diogo Pinheiro, «o velho», rendeiro, irmão de Simão Pinheiro, residente em Cidade Rodrigo. Pai de Manuel Pinheiro.
		Diogo Pinheiro, mercador. Irmão de Henrique Pinheiro e tio de Diogo Pinheiro, «o moço».
Diogo Pinheiro, mercador, casado com Leonor Nunes.		
	Domingos Ferreira, sapateiro, genro de Isabel Rodrigues.	
<b>Duarte Gonçalves</b> , sapateiro.	<b>Duarte Gonçalves</b> , sapateiro.	
Duarte Lopes, «o nevoeiro», alfaiate, ausente.	Duarte Lopes, alfaiate.	Duarte Lopes, «o nevoeiro», alfaiate. Ausente.
Duarte Rodrigues, alfaiate. Filho de Pedro Homem (fal.) e de Beatriz Rodrigues.		Duarte Rodrigues, alfaiate, filho de Pedro Homem, «grande judeu».
	Duarte Rodrigues, «o abadinho».	
Elvira Fernandes, mulher de Simão Mendes.		Elvira Fernandes, mulher de Simão Mendes, mercador. Ausente.
	Fernão Lopes, «o baboso», tratante.	Fernão Lopes, «o baboso», mercador, filho de Lopo Martins, siseiro. Ausente.
Fernão Lopes, mercador, filho de Beatriz Feijó.		
Fernão Lopes Ferro, mercador, casado com uma filha de <b>Ana Rodrigues</b> , viúva de Francisco Rodrigues, tabelião.		

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Filipa, filha de Isabel Rodrigues e de Jorge Rodrigues, mercador. O marido estava ausente.		<b>Filipa da Graça.</b>
Filipa de Gouveia, mãe de Simona Lopes.		<b>Filipa Lopes</b> , tia de Maria Draga. Irmã da mãe.
<b>Filipa Rodrigues</b> , mulher de Fernão Lopes Ferro.		
<b>Francisco Carlos</b> , casado com <b>Maria Draga</b> .		<b>Francisco Carlos</b> , casado com <b>Maria Draga</b> .
	Francisco Dias, mercador.	Francisco Dias, mercador de panos de lã, casado com uma filha de Beatriz Mendes e Heitor Mendes. Filho de Diogo Mendes, «o cabeleira».
		Francisco Dias «Sousa» ou Francisco Sousa Dias, mercador e rendeiro, casado com a filha de Marta do Vale.
		Francisco Fernandes, mercador.
		Francisco Gonçalves, filho de <b>André Gonçalves</b> e Ana Gonçalves.
	Francisco Lopes.	
	Francisco Lopes, «o frio», alfaiate.	
	Francisco Lopes, «o sanjoaneiro», curtidor.	Francisco Lopes, curtidor.
	Francisco Lopes, «o portageiro».	Francisco Lopes, «o portageiro», alfaiate.
		Francisco Lopes, «o guardanapinho» ou «o do forno», mercador e rendeiro, casado com Beatriz Nunes.
	Francisco Luís, mercador, irmão do <b>Licenciado Medina</b> .	Francisco Luís, irmão do <b>Licenciado Medina</b> . Filho de Luís Medina e irmão de António Luís.

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
		Francisco Luís, «o milagre», mercador de panos. Casado com Maria Gomes.
		<b>Francisco do Vale.</b>
	Francisco Rodrigues, almocreve, primo de <b>Duarte Gonçalves.</b>	
		Gabriel Lopes, mercador e escrivão do judicial.
	Genebra Dias.	Genebra Dias, mulher de Martim Lopes.
		Gracia Fernandes, mulher de Francisco Rodrigues, cavaleiro atalaia em Arzila.
Gracia Fernandes, mulher de Manuel Álvares.		Gracia Fernandes, mulher de Manuel Álvares, mercador.
	Gracia Fernandes, sogra de <b>António Gonçalves</b> (falecida). Mãe da primeira mulher, Branca Gomes (fal.).	Gracia Fernandes, sogra de <b>António Gonçalves.</b>
Heitor Lopes, «o Cavaleiro», tosador, casado com Branca Dias.		Heitor Lopes, «o Cavaleiro» tosador.
	Heitor Mendes, mercador.	
		Helena, moça, filha de Isabel Rodrigues.
	Henrique Lopes, mercador.	
		Henrique Pinheiro, tendeiro. Faleceu em Roma.
Inês Fernandes, nora de Clara Rodrigues, viúva de Luís Feijó.		
		<b>Isabel de Almeida.</b>
<b>Isabel de Almeida, a moça,</b> casada com Manuel Gomes, filho de Ana Gomes, viúva de Diogo Fernandes, mercador. Neta de <b>Isabel de Almeida.</b>		
Isabel de Medina (fal. em 1547), casada com Luís de Medina. Prima de <b>Ana Rodrigues.</b>		
Isabel do Vale, casada com Simão Garcia, mercador e siseiro. Filha de Mécia do Vale. Cunhada de Manuel Carlos.	Isabel do Vale, casada com Simão Garcia, mercador e siseiro. Filha de Mécia do Vale.	

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Isabel Fernandes, mulher de Francisco Mendes, tratante.		Isabel Fernandes, viúva de Francisco Mendes. Irmã de António Fernandes, «o cavaleiro».
Isabel Fernandes, mulher de Manuel Fernandes, tratante.		Isabel Gonçalves, mulher de Bartolomeu Fernandes.
<b>Isabel Lopes, «a menoa»</b> , mãe de <b>João da Fonseca</b> , tabelião.	<b>Isabel Lopes, «a menoa»</b> , mãe de <b>João da Fonseca</b> , tabelião.	<b>Isabel Lopes, «a menoa»</b> , mãe de <b>João da Fonseca</b> , tabelião.
	<b>Isabel Lopes, «a terrapala»</b> , a moça, casada com Simão Lopes «terrapalo».	
Isabel Mendes, mulher de António Luís.		
Isabel Mendes, mulher de Marcos Dias, mercador. Prima de Ana Mendes, casada com Pedro Mendes, mercador.		
Isabel Nunes, mulher de Henrique Pinheiro.		
	Isabel Rodrigues, sogra de Domingos Ferreira.	
		Isabel Rodrigues, mulher de Simão Peixoto.
Isabel Rodrigues, mulher de Jorge Rodrigues, mercador. Mãe de Filipa, cujo marido estava ausente, e de Catarina Lopes, casada com Henrique Lopes.		
Isabel Rodrigues, mulher de Manuel Rodrigues, «o Baruc», sapateiro e carnicheiro. Compadre de André Gonçalves. A filha deste, Mor Lopes estava casada com António Rodrigues, filho daqueles.		
		Jerónimo Fernandes.
	Mestre Jerónimo (falecido).	Mestre Jerónimo (falecido).
Joana, filha de Beatriz Rodrigues e de Pedro Homem.		
João Dias, sapateiro.		João Dias, sapateiro.

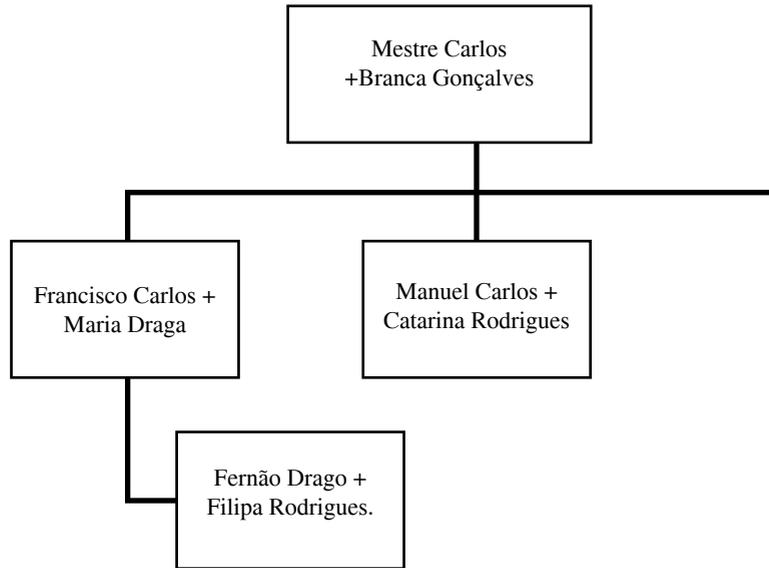
ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
		Licenciado João Fernandes. Ausente.
		João Fernandes, mercador.
	<b>João da Fonseca</b> , tabelião e mercador.	
		Licenciado <b>João Luís Medina</b> (bacharel Medina).
		João Mendes, filho de Jorge Henriques (falecido).
<b>João Rodrigues Ferro</b> , casado com <b>Filipa Lopes</b> e pai de Bernardo Ferro e de Fernão Lopes Ferro. Faleceu no cárcere com cerca de 80 anos. Era escudeiro da casa real.		<b>João Rodrigues Ferro</b> , pai de Bernardo Ferro.
Jorge Dias, «o negrote», sapateiro.	Jorge Dias, sapateiro.	Jorge Dias, «o negrote» sapateiro.
Jorge Dias, «o picado», tratante.		
		Jorge Fernandes, mercador, tio de <b>Duarte Gonçalves</b> .
		Jorge Francisco, rendeiro, casado com Isabel Pinheira, filha de Diogo Pinheiro.
Jorge Francisco, filho de Francisco Rodrigues, tabelião e de Ana Rodrigues.		
Jorge Luís, mercador e tendeiro, casado com Ana Fernandes. Pai de Branca Fernandes, casada com António Fernandes, mercador.	Jorge Luís, tendeiro.	Jorge Luís, mercador e tendeiro, casado com Ana Fernandes.
	Jorge Luís, alfaiate, filho de Pedro Homem.	
Jorge Rodrigues, mercador, casado com Isabel Rodrigues.	Jorge Rodrigues, irmão de <b>Filipa Lopes</b> .	Jorge Rodrigues, mercador e rendeiro, casado com Isabel Rodrigues, filha de Diogo Mendes. Irmão de <b>Filipa Lopes</b> .
		Justa Rodrigues, mulher de Francisco Lopes, «o portageiro», alfaiate

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Leonor de Sousa, casada com Manuel Dias. Neta de Ana Gomes, viuva de Diogo Fernandes.		
Leonor Fernandes, «a honesta», viúva de Duarte Rodrigues, natural de S. João da Pesqueira.	Leonor Fernandes, viúva.	Leonor Fernandes, tendeira, viúva de Duarte Rodrigues. Filha de Ana Gomes.
Leonor Mendes, viúva de Jorge Henriques, mercador.		Leonor Mendes, viúva de Jorge Henriques, mercador. Prima co-irmã de <b>Francisco Carlos</b> .
<b>Leonor Nunes</b> , mulher de Diogo Pinheiro.		Lopo Dias, almocreve, casado com <b>Leonor Fernandes</b> .
Lucrécia Feijó, casada com Vasco Rodrigues, mercador.	Lucrécia Feijó, casada com Vasco Rodrigues, mercador.	<b>Lucrécia Nunes</b> , mulher de <b>mestre Manuel</b> , físico e cirurgião.
Lucrécia Rodrigues, mulher do <b>licenciado João Luís Medina</b> .		
	Luís Feijó, «o velho», mercador.	Luís Feijó, «o velho», mercador.
Luís Feijó, casado com Inês Fernandes. Filho de Clara Rodrigues, viúva.		Luís Feijó, «o pequenino», de alcunha «o bico», mercador de pano de linho, casado com Inês Fernandes. Filho de Clara Rodrigues, viúva. Sobrinho de Luís Feijó, «o velho».
	Manuel Álvares, mercador.	Manuel Álvares, mercador, casado com Gracia Fernandes.
Manuel Carlos, rendeiro das rendas, casado com Catarina Rodrigues. Irmão de <b>Francisco Carlos</b> Ausente em Castela com a família.	Manuel Carlos, irmão de <b>Francisco Carlos</b> .	Manuel Carlos, irmão de <b>Francisco Carlos</b> . Ausente.
Manuel Dias, tendeiro, casado com Leonor de Sousa.		
Manuel Fernandes, tratante, casado com Isabel Fernandes.		

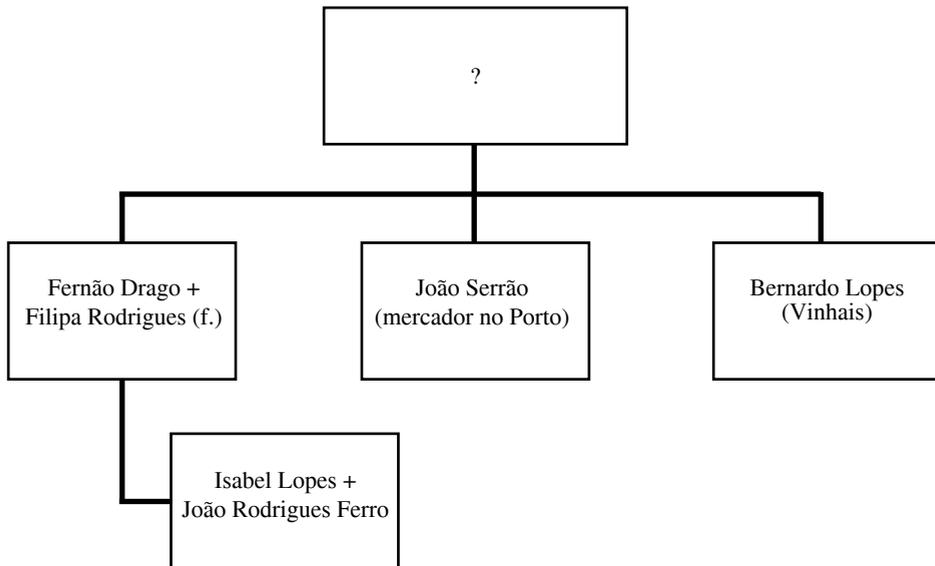
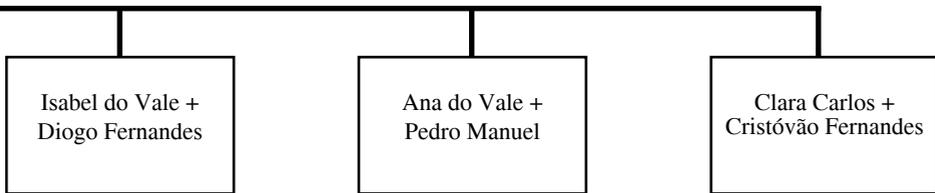
ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
Manuel Gomes, casado com Isabel de Almeida, a moça. Filho de Ana Gomes, viúva de Diogo Fernandes, mercador. Irmão de João Fernandes, «pé de ginja». Ausente em Castela.		
	Manuel Gomes, «o parido».	Manuel Gomes, «o parido».
Manuel Gonçalves, «o pequenino», almocreve, casado com Branca Gonçalves e sogro de Mestre António, cirurgião.		
Manuel Henriques, mercador, casado com uma irmã da mulher do <b>Licenciado Medina</b> .	Manuel Henriques, mercador.	Manuel Henriques, mercador.
Manuel Lopes, sapateiro, filho de Antão Gonçalves.	Manuel Lopes, sapateiro, filho de Antão Gonçalves.	
Manuel Mendes, casado com Ana Nunes.		Manuel Pinheiro, mercador de panos de lã e rendeiro, casado com Maria da Fonseca. Filho de Diogo Pinheiro.
	Manuel Rodrigues, tosador.	
Manuel Rodrigues, «o Baruc», sapateiro e carnicheiro.		Manuel Rodrigues, «o Baruc», sapateiro.
		Manuel Rodrigues, sapateiro
Maria da Fonseca, casada com Manuel Pinheiro. Filha de João da Fonseca, tabelião, já falecido.		
<b>Maria Draga</b> , mulher de <b>Francisco Carlos</b> .		<b>Maria Draga</b> , mulher de <b>Francisco Carlos</b> .
		Maria Gomes, mulher de Francisco Luís, mercador de panos. Filha de Afonso Gomes e de Catarina do Vale.
	Martim Lopes.	Martim Lopes, almocreve (falecido).
Mécia do Vale, sogra de Manuel Carlos.		
		Lic. Nuno Dias, procurador, casado com Ana Guterres.

ANDRÉ GONÇALVES	ANTÓNIO GONÇALVES, «O ZANGA»	DUARTE GONÇALVES
		Nuno Gonçalves, mercador.
	Pascoal Ferreira, sapateiro. Irmão de Domingos Ferreira.	
Pedro Mendes, mercador, casado com Ana Mendes. O pai fora para Roma e daqui para a Turquia onde se fizera judeu.	Pedro Mendes, mercador.	
		Simão Fernandes, mercador.
		Simão Fernandes, almocreve.
	Simão Gomes, tabelião.	
	Simão Henriques, mercador, genro de <b>Isabel Almeida</b> .	Simão Henriques, mercador.
		Simão Mendes, mercador, casado com Elvira Fernandes. Ausente.
	Simão Soares, mercador.	
Simona Lopes, viúva. Mãe de Filipa de Gouveia.	Simona Lopes, viúva, tendeira.	Simona Lopes, filha de Francisco Lopes.
Simona Mendes, mulher de Heitor Mendes, «burra bela».	Simona Mendes, mulher de Heitor Mendes.	
	Susana Fernandes, mulher de Jorge Dias.	
Susana Manuel, filha de Ana do Vale, irmã de <b>Francisco Carlos</b> .		
		Tristão do Vale (falecido). Pai de <b>Francisco do Vale</b> .
Vasco Rodrigues, mercador, casado com Lucrecia Feijó		
	Violante Gomes, viúva de Lopo Martins.	Violante Gomes, viúva de Lopo Martins, mercador. Mãe de Branca Lopes, viúva de Martim Rodrigues.
<b>Violante Henriques</b> , casada com Pedro Gonçalves, tabelião e mercador.	<b>Violante Henriques</b> , filha de Mestre Jerónimo. O marido era «oficial do rei» e andava na corte. Foi presa e solta sob fiança.	

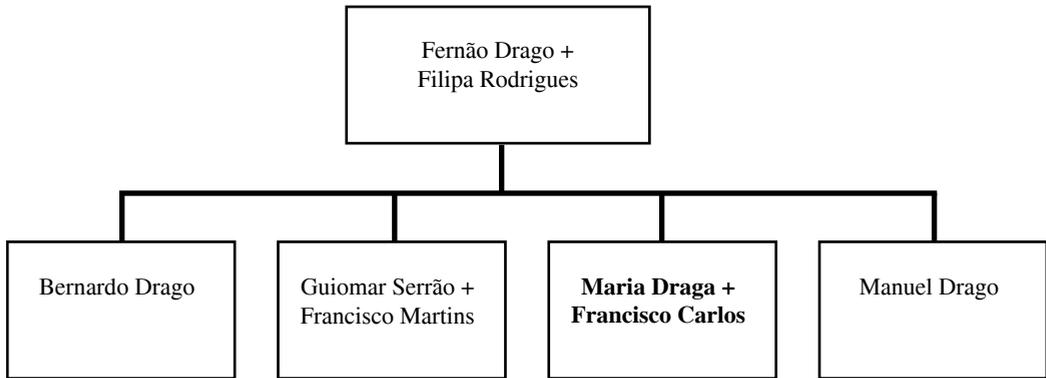
ANEXO 2. FAMÍLIAS CRISTÃS NOVAS DE TRANCOSO (1<sup>as</sup> GERAÇÕES):  
OS CARLOS-DRAGO-DO VALE-FERRO



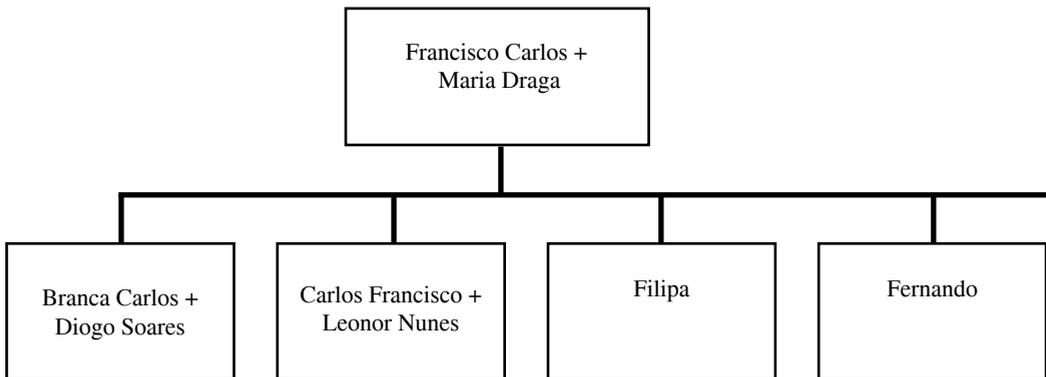
1.- A primeira geração de cristãos de Mestre Carlos (rabi Joshua Cohen), físico de Trancoso. Isabel do Vale fora casar em Celorico com um cristão novo lavrador. Os restantes permaneciam todos em Trancoso.



2.- Os DRAGO: a primeira geração de cristãos novos Drago, aparentada por afinidade com os FERRO.

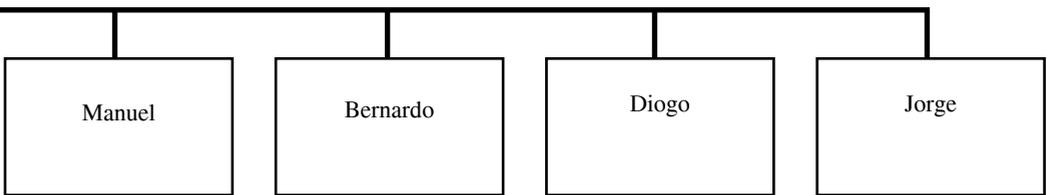


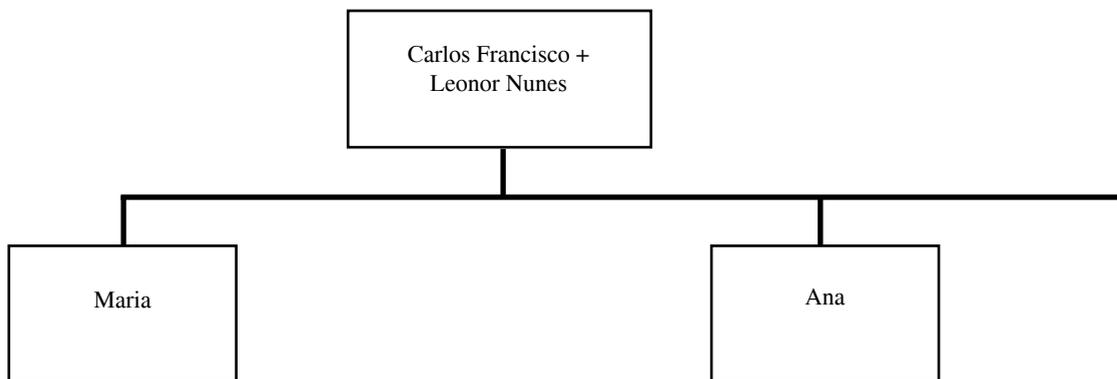
3.- Os filhos de Fernão Drago, natural de Trancoso e residente em Valverde.



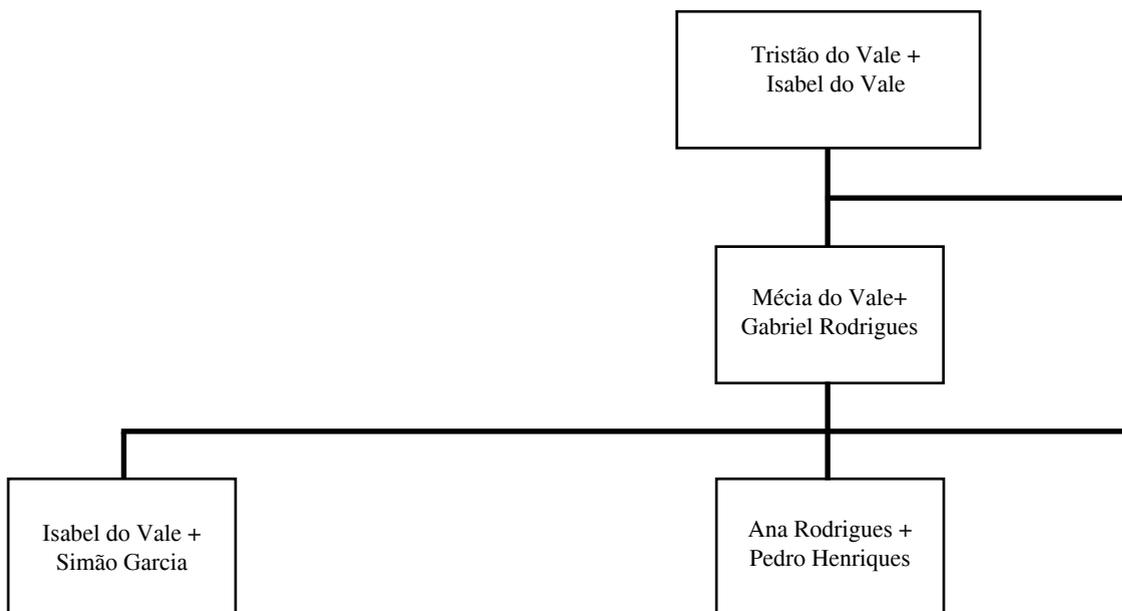
4.- Os filhos de Francisco Carlos e Maria Draga.

Os filhos oscilam entre os 22 anos, a mais velha, e 1 ano de idade, o mais pequeno. Maria Draga teve a primeira filha, Branca Carlos, com 16 anos e tinha 38 quando foi presa. Sabemos pelo processo de Carlos Francisco que Maria Draga teve ainda, pelo menos, depois de sair com o perdão geral, em 1547, duas filhas: Guiomar Serrana, já falecida, e Beatriz Serrana, casada em Viseu com Diogo de Lisboa. É provável que alguns dos filhos pequenos do casal tivessem morrido quando da prisão dos pais em Évora, pois Carlos Francisco não refere outros irmãos para além destas duas.

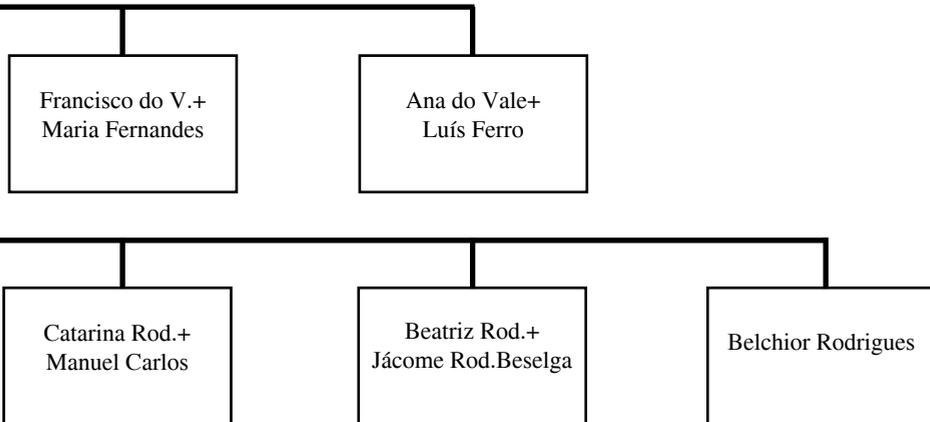
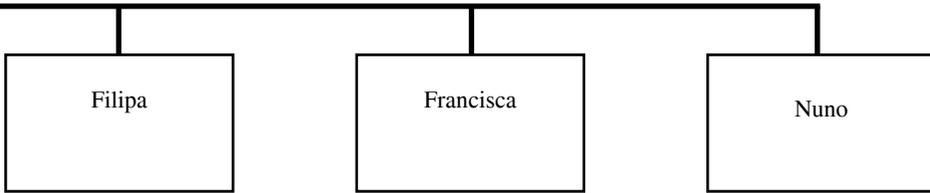




5.- A família de Carlos Francisco. Os filhos oscilam entre os 13 anos, a mais velha, e os 7, o mais novo



6.- A família do Vale. Verifica-se que as filhas casaram com ricos mercadores de Trancoso, pertencentes aos Henriques, Carlos e Ferro. Manuel Carlos era tido como um dos rabis da comunidade cristã nova.



*Recibido:* 24/03/2007

*Aceptado:* 05/02/2008